

ASSIGNATURA :

Na cidade : 3 mezes, 500 reis. Fora da cidade : com acrescimo das estampilhas. Anuncios : na primeira vez 20 reis por linha. Na repetição 10 rs.

# O BRADO LIBERAL

ADMINISTRAÇÃO :

Na typographia d'esta folha, rua Nova de Sousa, n.º 45.

Direcção jornalística, rua das Aguas, n.º 84.

SEMENARIO BRACARENSE ANTI-REACCIONARIO,

HABILITADO NA FÓRMA DA LEI.

PUBLICA-SE A'S SEXTAS FEIRAS.

NUMERO 13.

SEXTA FEIRA 28 D'AGOSTO DE 1874.

ANNO I.

## O BRADO LIBERAL.

Entre as datas festivas do liberalismo entre nós — systema social de luz e progresso, que os reaccionarios odeiam de morte — avulta a de 24 d'Agosto de 1820, como uma das mais solennes e venerandas.

Em 1793 começaram os monarchas alliados a talar a França com os seus exercitos em odio á liberdade e á civilisação.

O nosso Portugal entrou então n'esta colligação tambem, reforçando com o seu contingente de tropas o exercito hispanhol no Roussillon.

Triumphando a luz da liberdade contra os adeptos das trevas, seguiu-se a esta victoria gloriosa a paz com a Hispanha : e o nosso Portugal conseguiu comprar a sua neutralidade á custa d'alguns milhões de cruzados ; mas resistindo sempre ás exigencias do systema continental de Napoleão, para serem expulsos dos nossos territorios os subditos da Gran-Bretanha.

Esta nossa resistencia persistente deu causa a sermos invadidos em 1807 pelos exercitos da França e da Hispanha ; e a ser transferida de Portugal para o Brasil a nossa corte á pressa, a fim de não cahir prisioneira dos invasores.

Ficamos então subditos da França, e governados em nome de Napoleão até 18 de Junho de 1808 — dia glo-

rioso, em que a cidade do Porto proclamára o governo legitimo da nação na pessoa d'el-rei D. João VI.

Em nome d'este nosso monarcha armára-se com a mesma cidade o paiz quasi immediatamente, empenhando-se contra o governo intruso n'uma guerra tenacissima, até a epocha da conclusão da paz geral em 1814 com a restauração do nosso legitimo soberano.

Continuou o nosso Portugal desde então a ser governado por uma regencia ás ordens da corte do Brasil. — Mas esta regencia parecia ter-se esquecido de toda da familia portugueza. — Não a regia com esmero paternal. — Não a acariciava com solicitude. — Não a consolava na sua orphandade politica.

Formavam então esta regencia fatidica o marquez de Borba, o marquez Monteiro-mór, o patriarcha eleito, o principal Sousa, D. Miguel Pereira Forjaz, Ricardo Raymundo Nogueira, e João Antonio Salter de Mendonça.

No anno de 1817 eram os «Reis do Rocio», como então chamava o povo aos regentes, o marquez de Borba, o marquez d'Olhão, o principal Sousa, Ricardo Raymundo Nogueira, e Lord Beresford — sendo secretarios da regencia D. Miguel Pereira Forjaz e João Antonio Salter de Mendonça.

Neste anno de luctuosa recorda-

ção para nós foi em 18 d'Outubro enforcado e queimado o illustre general Gomes Freire d'Andrade : e foram victimados com elle outros athletas venerandos da liberdade e do progresso — contra quem só a regencia fatidica dera signaes d'energia, encarnada d'alma e coração no obsecurantismo e no retrocesso.

Este abandono governamental exasperou os descontentes d'este estado de cousas, em quem fulgia ainda caloroso o amor da patria. — Galvanisou-os no meio do lethargo geral ; e deu origem á revolução patriótica de 24 d'Agosto de 1820, proclamada com enthusiasmo no antigo campo de Sancto Ovidio no Porto.

Não deu logar a este passo arrojado dos portuenses, como asseveram falsamente os reaccionarios, nem a ambição do mando, nem o orgulho da innovação. — Deu-o a necessidade da rehabilitação social do nosso paiz, com a re-instauração da nossa antiga representação nacional, amoldada á indole e ao character do seculo — seculo de luz e progresso — de liberdade e civilisação, e não de trevas e retrocesso — d'escuridão e obsecurantismo.

E' um alleive dos reaccionarios o alcunharem de mações os iniciadores da regeneração grandiosa de 1820, assim no Porto em 24 d'Agosto, como em Lisboa em 15 de Setembro. Quem produziu a revolução de Se-

ptembro, foi o tenente Aurelio, alheio á maçonaria, collocando-se á frente do seu regimento.

Quem produziu a revolução d'Agosto, foi o synhédrio de Manuel Fernandez Thomaz — associação meramente politica, e sem correlação alguma com a maçonaria do paiz.

Compunha-se inicialmente o synhédrio portuense de José da Silva Carvalho, José Ferreira Borges, e João Ferreira Vianna, alem do nosso patriarcha da liberdade Manuel Fernandes Thomaz ; e só posteriormente lhes foram adicionados outros membros d'igual denodo, como Duarte Lessa, José Pereira de Menezes, Francisco Gomes da Silva, João da Cunha Souto-maior, José Maria Lopes Carneiro, José Gonçalves dos Sanctos Silva, e José Maria Xavier d'Araujo.

Nada teve a maçonaria do nosso paiz com esta revolução de 24 d'Agosto, originaria da succursal de 15 de Setembro.

Relembrando esta data festiva aos nossos leitores, justificamos-lhes os motivos que a originaram, e nos exigem de nós para ella uma veneração cordial e sincera, como data inicial da nossa alforria politica e da nossa emancipação social — estado de cousas que de balde guerream os reaccionarios, por isso que os repelle de morte o espirito do tempo.

Por mais que elles se empenhem na lucta, nunca será d'elles o futu-

## FOLHETIM.

## A' MEMORIA

DE

Illidio Floro Pereira de Freitas, fallecido a bordo do hiate «Marinha Grande».

Vou pagar um tributo de saudade á memoria d'um dos mais illustres filhos de Visella — d'um formosissimo talento que se finou quando ainda perfulgiam as auroras da mocidade, e se suspeitava mui afastada a sesta da sua existencia terrena.

Illidio Floro Pereira de Freitas nasceu a 22 de Dezembro de 1846.

Foi-lhe patria a risonha aldeasinha, onde eu tambem accordei ao primeiro dia da vida : e foram seus paes o meu presado amigo José de Freitas e Oliveira e a exm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Cecilia Rosa da Silva Pereira, irmã do exm.<sup>o</sup> sr. Dr. José Joaquim da Silva Pereira-Caldas.

Tendo nos mais verdes annos concluido o curso do Lyceu d'esta cidade, no qual foi alumno distincto, entrou para a Academia Polytechnica do Porto, onde frequentou, com muito aproveitamento, mathematica, botanica e chymica, como preparatorios para a Eschola Medica, e nas quaes foi todos os annos premiado.

Para se conhecer a grande intelligencia d'aquelle infeliz moço, basta dizer que Illidio Freitas só conheceu, durante a frequencia da Eschola, como logar para estudo a «porta da aula», e como occasião opportuna e necessaria alguns momentos antes da entrada.

Não obstante isso, satisfez sempre plenissimamente aos lentes, que o reconheciam como talento notavel.

Concluiu os seus trabalhos escolares em Julho de 1868, contando apenas 22 primaveras : e para logo foi despachado tenente ou facultativo naval de 2.<sup>a</sup> classe.

N'esta qualidade saiu a 8 de Setembro do referido anno, a bordo da canhoneira D. Maria Anna, que foi cruzar na costa de Moçambique, onde, ao contrario da lei, teve d'estacionar quatro annos!

Alli prestou relevantissimos serviços na extincção da cholera, que por tres vezes durante a sua estada grassou na cidade — não abandonando um só momento o catre do leito onde agonisavam os moribundos, esquecido da sua organização valetudinaria, e só concentrado na salvacao dos infelizes.

Expirado o prazo que venho de referir, regressou ao continente, chegando a Lisboa em fins de Maio de 1873, já com a saude mui deteriorada, porque era de compleição debilissima.

Depois de chegado á capital, o seu primeiro pensamento foi correr aos braços dos seus bondosos progenitores, a quem Illidio Freitas estremecia até uma quasi adoração.

Chegou á sua pequena patria, que elle amava infantilmente, na occasião em que os seus conterraneos eram dizimados pela epidemia da variola.

Ahi se lhe offereceu novo ensejo de desentranhar em acções caritativas, e magnanimas, o finissimo oiro do seu excellente coração.

E' já volvido um anno : e muitas das familias visellenses fallam ainda com religiosa veneração dos inapreciaveis serviços, prestados pelo generoso maneco, que poude disputar á morte muitas das victimas do terrivel flagello, que tinham sido abandonadas por outros facultativos.

Por essa occasião não só curava gratuitamente os doentes pobres, mas soccorria-os ainda com avultadas esmolas, tractando-os com maximo carinho e solicitude.

Durante a sua estada em Visella empregou a maior parte das horas d'ocio, que eram bem minguadas, em diferentes labores litterarios, aos quaes era particularmente affeçoado.

Alli ultimou diversos manuscritos, que por excessiva modestia não consentiu vissem á luz da publicidade, porque era rigido observante dos preceitos horacianos.

Escrevia com muita facilidade e gosto.

De litteratura, strictamente fallando, apenas publicou uns formosos versos, generosamente consignados ao obscuro signatario d'estas linhas, e uma outra poesia que, com o titulo *A Vida*, foi inserida nas columnas d'este jornal, em o n.º 104, de 20 de Setembro de 1873.

Publicou tambem artigos scientificos, e historicos, em varios Almanaks e Revistas litterarias.

Em Novembro do indicado anno foi despachado facultativo naval de 1.<sup>a</sup> classe ; e teve de seguir viagem no hiate *Marinha Grande*.

O desventurado moço parecia preadivinhar a morte. Nas ultimas cartas escriptas da capital se arreceitava muito da viagem, não só pela intemperie da quadra, como pelas numerosas commodidades do hiate!

Infelizmente não foram desmentidos os receios do meu chorado amigo.

A dois dias fóra das costas de Cacheu, d'onde voltava de desempenhar uma commissão, foi assaltado por uma febre tenacissima, que lhe abtiu os áditos da Eternidade.

Esta infausta nova acaba de cobrir de lucto a sua conternada familia, que a estas horas pranteia, louca de dôr, o passamento do filho estremecido, do irmão affectuoso, do cidadão benemerito e do amigo dedicado.

Infeliz moço ! Contava apenas 28 primaveras, quando a rede da morte o colheu nas suas malhas de bronze!

Que fatalidade !

Quando um futuro brilhante lhe rastreava não longe ; e a sua alma de poeta se afo-gava ainda nos irisados sonhos da mocidade ; sentiu estalar-lhe funebremente nas mãos o esteio da vida, a que se abordoava cheio d'esperanças e creença.

Meu pobre amigo ! A immensidão d'esse colosso que te serve de tumulo, é digna do teu peregrino coração, e da tua grande intelligencia.

Ai ! como havia de ser immensa, ineffavel, a dôr dos teus derradeiros momentos, ao sentires aproximar-se a hora extrema !

Quantas vezes, filho abençoado, não repregaste os olhos d'alma na imagem de teus inconsolaveis paes, a quem tanto amavas, e que não mais voltarias a abraçar — que não mais te veriam — e que não mais havias de ver n'este oceano de lagrymas ?

Quantas vezes se não repintaram na tua imaginação as encantadoras paisagens da nossa mimosa patriasinha, por onde nos correu a infancia tão risonha, tão alegre !

Quantas vezes, ao entumecerem-se os vagalhões da maresia, te não varou a alma o espinho da saudade pelas margens do nosso pittoresco rio, cujo sussurro similha um acalentar de fadas !

Quantas vezes ao ver as coróas d'espuma, que encimam essas montanhas d'agua, te não lembraram as ermidas a branquejarem no planalto das serras, que fecham os horizontes da nossa Visella ?

Meu pobre amigo ! alma caudida que ora te espanejas ao oiro da luz da Bemaventurança ! nem um só instante deixes d'orar por aquelles que na terra ficaram pranteando o teu passamento, votados á mais negra insulação do affecto, e para os quaes não ha lenimento, nem conforto !

Que o teu amigo da infancia partilhe tambem da menor das tuas preces !

Commercio do Minho. Dias Freitas.

ro, como nem o presente o é. — Contentem-se com o passado!

Não conseguirão nunca neutralisar o magnetismo da liberdade, nem obscurecer o brilhantismo do progresso.

#### Um brado a favor do municipio.

Recebemos pelo correio um impresso com este titulo, acompanhado d'uma carta attenciosa em que se nos pede a sua publicação: e accedemos a esse pedido dando-lha n'este lugar, esperando que o auctor anónimo da mesma carta se não esquecerá de nos enviar os outros mais esclarecimentos promettidos.

«Qual será a razão, porque a illustrissima camara d'esta cidade ainda não mandou proceder ao acabamento da estrada-rua, que liga S. Pedro de Maximinos com Infias?»

«Porque será que — estando votada no orçamento, auctorizada pelo governo, e ha tanto tempo depositada na thesouraria da camara a quantia de «seis contos de reis» para a abertura da rua da Escoura — ainda não vemos sequer em principio essa obra por todos tam desejada?»

«Acaso não estarão promptos os estudos?»

«Haverá alguma difficuldade a respeito das expropriações?»

«Sobreviria, por ventura, alguma nova idea que altere o traçado, ou produza notavel e reconhecida vantagem para o municipio?»

«Oh! não!....»

«A estrada tem de necessariamente cortar o lado-nascente da rua da Escoura: os estudos graphics estão desde ha muito promptos n'esse sentido: as expropriações estão justas e pactuadas com os respectivos proprietarios: o povo deseja a obra, e a cidade inteira reclama este notavel melhoramento.»

«Porque razão, pois, se não leva elle a effeito?»

«Porque é, que a illustre vereação não attende aos interesses do municipio — não proporciona esta commodidade aos bracarenses: — e é tam desleixada em promover o afformoseamento, e melhoria d'esta cidade?»

«Não sabemos!....»

«O que porem sabemos, é que o povo murmura; e que todos os bracarenses vêem na paralisação d'esta obra um favor, uma protecção, um nepotismo declarado, em proveito d'algum que avulta na sociedade, e que capricha em sacrificar os interesses do publico á posse d'alguns palmos de terra, que lhe sejam cortados aos seus quintaes!»

«Isto não pode ser assim.»

«A viação publica, a commodidade, os interesses do municipio, não são propriedade de nenhum particular: nem tam pouco podem estar á mercê de nenhuma influencia.»

«A illustre camara deve cumprir com o seu dever: e, cortando por todas as considerações, e por todos os respetos, deve immediatamente proceder á abertura da rua da Escoura — completar a estrada que liga o Porto com o Alto-Minho — realisar este novo melhoramento — e corresponder d'est'arte á confiança que n'ella depositaram os bracarenses.»

«Oxalá que assim aconteça: e que a illustre vereação nos dispense de vir de novo levantar um brado a favor d'esta cidade, e em proveito de todo o municipio.»

Um Bracarense.

#### ASSOCIAÇÕES CATHOLICAS.

Não ha quem não conheça hoje a indole reaccionaria das associações catholicas, erigidas por toda a parte com auxilio dos ultramontanos em odio á liberdade e ao progresso. — Só na Allemanha todavia as fiscalisa o governo com vigilancia extrema, como provam quotidianamente as descobertas reaccionarias em que as surprehende.

Entre nós deixam-se oficialmente á vontade: mas espiadas com assiduidade pelos martyres do miguelismo, radicadores da dynastia reinante e das instituições vigentes, hade tambem acontecer-lhes em breve o que na Allemanha lhes está acontecendo.

A policia de Koblenz acaba de fazer fechar, em cumprimento d'ordens superiores, todas as succursaes da associação catholica de Mayença em Kobern, Dieblich, Muhlheim, Kärlich, Urmitz, Rhens, Bendorf, Sain, e Weisterburg.

Sirvam estes factos officiaes d'abrir os olhos a alguns liberaes obcecados, a quem alguns falsos amigos tem agremiado ás associações catholicas, a fim de se acobertarem com os seus nomes para melhor conspirarem contra a liberdade e o progresso!

#### OS DIZIMOS.

Não ha quem não conheça, que não são d'instituição divina os dizimos, abolidos entre nós depois da regeneração liberal de 1834. — Nem ha quem não conheça igualmente, que o poder civil lhes não possa substituir outros meios de preencher os seus destinos, quando o bem do estado reclamar estas substituições.

Apesar de tudo isto, inda os caroleiros ultramontanos estão ensinando ás crianças nas escolas e nas parochias, como um dos mandamentos da igreja, este pagamento dos dizimos aos curas d'almas, do modo e pela fórma que na Cartilha se acha impresso.

Cumpra á auctoridade respectiva olhar por este e outros abusos analogos; e não deixar embutir aos povos, quantos dislates imaginem os caroleiros ultramontanos, para quem a ignorancia e o embrutecimento da humanidade são o estandarte principal do retrocesso.

#### OPERARIOS ALLEMÃES.

E' energica e decisiva a attitude dos operarios allemães em favor de Bismark, depois da ultima tentativa de morte contra este principe, em que são implicados directa e indirectamente os centros ultramontanos da Allemanha.

Por occasião da prisão ultima de 6 bispos incorregiveis na reacção, declararam solemnemente os operarios de Berlim, que seria seguida da morte d'um bispo ultramontano, conhecido e convicto d'inimigo da liberdade e do progresso, cada nova tentativa d'assassinato, que os mesmos ultramontanos projectassem consumir em qualquer assecla d'este seculo d'illustração, de que somente são inimigos os corsarios do Evangelho, e os piratas da Palavra de Deus — os que deshonram a classe augusta do sacerdocio!

#### ORATORIANO EXEMPLAR!

Acaba de ser prêzo em França um Reverendo Oratoriano, para lhe ser applicada a punição condigna!

Este «sancto defensor do altar e do throno contra os impios maçóni-

cos do seculo», foi encarcerado na prisão como qualquer outro mortal, «por ter envenenado o superior do seu convento!» — Não foi por nada mais: «foi somente por esta sua fragilidade!»

Não imaginou de certo filhos assim o extatico florentino S. Filippe Neri, ao dar começo á Congregação do Oratorio, nos annos de 1550, na igreja de Sancta Maria de Vallicella em Roma. — Nem de certo passou idea semelhante pela mente do Papa Gregorio XIII, ao approvar em Bulla de 13 de Julho de 1575 esta mesma Ordem — Ordem confirmada em 24 de Fevereiro de 1612 pelo Pontifice Paulo V, e introduzida entre nós em Lisboa aos 16 de Julho de 1668 pelo Padre Bartholomeu do Quental — oriundo da ilha de S. Miguel nos Açores.

#### MANEJOS REACCIONARIOS.

Expozemos em nosso numero de 14 d'Agosto, comprovando-o com documentos jornalisticos, o quanto no Minho e em Traz-os-montos se trabalhava em favor do carlismo da Hispanha, quer com tolerancia, quer com connivencia d'auctoridades civis!

Continuaremos com esta exposição d'ora á vante, até não termos que o fazer, abrindo para isso um artigo no *Brado Liberal* com o titulo de *Manejos Reaccionarios*.

Apoiar-nos-hemos nos documentos que fôrmos transcrevendo:

Da *Actualidade*, do Porto, n.º 158:

«No districto de Bragança continuam a trabalhar activamente a favor do carlismo — as auctoridades, com a sua tolerancia e a sua premeditada cegueira — os influentes do partido miguelista, com o seu dinheiro e a sua preponderancia. — Armas, homens, munições — todos os soccorros que podem ser obtidos — são alli aprestados e postos em movimento sem o menor reboço!»

Do *Noticioso*, de Valença, recebido em Braga em 14 d'Agosto:

«Na manhan do dia 7 do corrente veio o regedor da frêguezia de Tangil, concelho de Monsão, participar ao seu administrador, que na noite de 6 tinha pernoitado no logar de Sancta Marinha da mesma frêguezia, 10 kilometros d'aquella villa, uma porção de carlistas armados que uns diziam eram em numero de 30 — outros asseveravam serem 70 — e alguns affiançavam que o numero se elevava a 100.

«O regedor tinha-os intimado para que depozessem as armas; porem elles responderam-lhe — que só obedeciam a Carlos VII.

«O administrador fez marchar para alli uma fôrça de 30 praças d'infanteria n.º 8, commandadas por um alferes, que recolheu na manhan do dia immediato sem se encontrar com os «facciosos», que se haviam refugiado nas serras da *Peneda*.

«Os carlistas que estão na serra da *Peneda*, são os que faziam parte das guerrilhas que as tropas da republica bateram, e dispersaram na *Gallisa*».

Da *Justiça*, do Porto, n.º 182:

«No Alto-Minho trabalha-se muito a favor dos carlistas.

«O activo commandante da praça de Valença mandou um dos ultimos dias proceder a diversas buscas.

«Está prêzo o escrivão da administração por connivencia com os agentes carlistas e miguelistas.

«Diversas auctoridades administra-

tivas são accusadas de partidarias do velho regimen, e de trabalharem pela restauração do governo passado.

«Partiu a cavallaria de Chaves para Valença, e outras fôrças ainda: por que as tem reclamado o governador da praça.

«Somos informados, de que são d'alta gravidade os trabalhos no Alto-Minho.

«E o «primeiro jornal do governo» chama denunciante aos que avisam as auctoridades, de que se conspira contra o chefe do estado!

«Succede o mesmo em outras provincias!»

Da *Aurora do Lima*, de Vianna, n.º 2796:

«O regedor da frêguezia de Portella, concelho de Monsão, apesar das instrucções que se diz terem sido expeditas por auctoridades superiores, «deu couto e guarrida no proprio domicilio» a «alguns carlistas» — que fez evadir no instante em que alli chegou uma fôrça encarregada de os prender!

Do *Paiz*, de Lisboa, n.º 475:

«Continúa a *Revolução de Setembro* a negar que na nossa fronteira se conspire em favor dos carlistas; e continuam os *factos* a mostrar que a folha officiosa melhor faria em pedir a destituição d'uns *Nadaillacs* em miniatura que por lá temos, do que em *contradizer* a verdade conhecida por tal.

#### CARLISTAS.

En' um aqui na cadeia d'esta cidade, ao dia 26 do corrente, quatro defensores sanctos de Carlos VII sem VI, pretendente infeliz ao solio da Hispanha.

D'estes quatro bandidos carlistas é um francez, que por nenhuns modos deseja ir para Madrid: e outro suppoem-se com plausibilidade ser portuguez d'origem.

Foram prêzos nos Arcos de Valde-Vez, todos bem montados, pela fôrça militar alli estacionada, procurando elles seguir a direcção do Alto-Minho. — E' sempre a fôrça militar a que faz d'estes achados em toda a parte!

Apenas entrados na cadeia, foram logo providos de todo o necessario por membros da associação catholica, apontados aqui ao dede unanimemente como agentes incançaveis da propaganda reaccionaria. — Os sanctos athletas de *Deus, Pansa e Rei* não queriam entrar na cadeia: exigiam prisão militar, como se bandidos sem caracter belligerante podessem ter esse fôro!

Foram tambem visitados por dois sargentos do regimento 8, segundo nos informaram igualmente: sendo para notar, que um d'estes sargentos pelo menos tem sido apontado sempre como membro da associação catholica. — Disseram-nos serem os sargentos Duarte e Rodrigues. — Foram igualmente vel-os á cadeia dois officiaes do mesmo regimento — um capitão e um tenente — os srs. Guimarães e Pimenta.

O sr. capitão Fonseca tem sido elogiado pela energia e dignidade, com que respondêra a alguns dislates dos quatro bandidos, de que um pelo menos é de certo falho d'educação esmerada.

Tem por estas immediações passado alguns carlistas em varias direcções, vindos dos lados da Povoia de Lanhoso. — Um d'elles foi até para o Porto na diligencia, depois de se demorar aqui na cidade algum pou-